

Custos devem reduzir lucro

O ano de 2008 continuará favorável para os produtores de leite, mas a rentabilidade será menor. Isso deverá ocorrer em razão de os custos com alimentação, principalmente, milho e soja, estarem com tendência de alta. Além disso, a oferta de leite vem dando sinais de recuperação



o setor neste ano que se inicia?

Glauco Carvalho - Acredito que também será um ano bom para o setor leiteiro, mas com alguma piora na rentabilidade dos produtores. A questão não está ligada tanto ao preço do leite, mas principalmente aos custos de alimentação do rebanho, que têm peso elevado nos custos da atividade. O milho iniciou 2008 com preço 36% acima do verificado um ano atrás. Em algumas praças, a valorização do cereal chegou próxima de 50%. O farelo de soja está 35% mais caro. Talvez ocorra alguma redução dos preços da alimentação no segundo semestre, mas vai depender do desempenho da safra mundial de grãos, da safra de inverno de milho no Brasil, do mercado de agroenergia, clima etc.

Glauco Carvalho é economista formado pela UFMG-Universidade Federal de Minas Gerais, com mestrado em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo. Ao longo da carreira, já atuou como analista setorial no jornal *A Gazeta Mercantil* e consultor da Mendonça de Barros Associados. Foi professor universitário em cursos de economia ministrando disciplinas como micro-economia, teoria dos jogos e organização industrial.

Atualmente, é pesquisador da Embrapa Gado de Leite, com trabalhos nas áreas de mercado de lácteos, de grãos e agroenergia. Tem experiência em vários setores da economia brasileira, focalizando principalmente aqueles ligados ao agronegócio. Nesta entrevista exclusiva à **Balde Branco**, ele analisa o mo-

mento atual e o futuro do setor leiteiro, projetando as perspectivas de rentabilidade que podem sofrer pressão com a elevação dos custos envolvidos, principalmente, a alimentação.

Em termos de mercado, ele faz questão de destacar a necessidade de algumas ações que estimulem o consumo interno, como a implantação de um plano de marketing institucional, ao mesmo tempo em que se dissemine a proposta de se produzir e comercializar um leite de boa qualidade por toda a cadeia. No cenário internacional, enxerga o Brasil com potencial para se tornar um grande exportador. Mas para isso, o setor precisa se organizar para que a oportunidade não se transforme em risco à atual estabilidade.

Balde Branco - *O ano de 2007 foi considerado o ano do leite. O que o sr. projeta para*

BB - *Como o sr. avalia os preços de janeiro até agora?*

GC - Os preços do leite neste início de ano estão cerca de 35% acima do preço recebido pelo produtor um ano atrás. Isso, no entanto, reflete uma base de comparação bem mais baixa, já que no ano passado os aumentos de preços foram mais expressivos a partir de maio e se mantiveram em patamar médio mais elevado ao longo do segundo semestre. Nesse aspecto, é que chamo a atenção para a questão da rentabilidade, ou seja, os custos estão mais altos e a oferta de leite vem se recuperando, o que atenua grandes aumentos nas cotações do leite.

BB - *Em termos de preços, o sr. considera que a valorização do leite, alcançada no ano passado, deverá ser mesmo preservada?*

GC - Creio que haverá um pequeno ajuste

de preços para baixo, o que, aliás, começou em setembro. Mas não acredito em uma queda muito forte. Algum ganho será preservado, mas a magnitude é difícil de ser quantificada. Apesar dos problemas enfrentados pela economia dos Estados Unidos e de um crescimento previsto para 2008 abaixo do registrado em 2007, o mundo ainda cresce bem e deverá manter firme o consumo de lácteos. As projeções do Fundo Monetário Internacional indicam crescimento mundial de 4,8% nesse ano, perante os 5,2% no ano passado. É um bom crescimento. Os países exportadores de petróleo devem continuar capitalizados, e importantes mercados como China, Índia, Leste Europeu, países africanos e sul-americanos

devem continuar crescendo bastante. São países de grande população e relevantes para o setor lácteo. Como são economias mais pobres, o crescimento de renda nesses países é acompanhado pelo consumo de produtos de origem animal. Além disso, o mercado mundial de lácteos ainda está com oferta relativamente apertada, gerando algum suporte para as cotações.

BB - Com tal cenário, é bem provável que o Brasil amplie cada vez mais seu excedente de oferta. O sr. vê isso mais como um risco para a estabilidade do setor ou como uma oportunidade para maior inserção do País no mercado internacional?

GC - Risco e oportunidade. Em curto/médio prazo, pode haver algum risco até que os agentes se organizem e trabalhem melhor com as vias de escoamento de excedente, sobretudo, com o aumento das exportações. Aí entram as oportunidades. Além disso, o mercado brasileiro sempre foi e será o grande mercado para absorver nossa produção. Nossa economia está crescendo e os programas sociais continuam andando. Devemos esperar boa demanda em 2008. Mas precisamos trabalhar qualidade, marketing e inovações. Precisamos fazer o mercado crescer mais rápido, entender as mudanças de hábitos e a necessidade de comunicar o leite como saúde, como alimento que pode produzir efeitos medicinais positivos.

BB - No que se refere à oportunidade, o que será preciso fazer para aproveitá-la tanto no mercado interno como no Exterior?

GC - A qualidade dos produtos serve para ambos os mercados. É um ponto fundamental e está na base da expansão da indústria de alimentos. Vejo também que no mercado interno temos de avançar no programa de marketing institucional, mostrar os benefícios do leite como alimento funcional e educar o consumidor. Muita gente ainda não consome leite e derivados ou consome pouco por desconhecimento de suas propriedades nutricionais e fisiológicas ou porque tem uma visão distorcida de seus benefícios. Os produtos lácteos têm propriedades anti-cancerígenas, são importan-

tes fontes de cálcio no combate à osteoporose, têm importante papel em dietas para emagrecer, para citar apenas alguns exemplos. Quanto ao mercado externo, temos de avançar também em acordos comerciais, contratos e questões sanitárias. Além de questões relacionadas, a sustentabilidade social e ambiental principalmente. À medida que nos tornamos grandes players, as exigências tendem a aumentar... Outros produtos agrícolas, como carnes, soja etc., ainda passam por isso e não será diferente para o leite e seus derivados. Por fim, precisamos internalizar melhor o conceito de cadeia produtiva. Cada elo da cadeia tem de ser visto como um parceiro no negócio. É preciso transparência e melhor distribuição

dos resultados. Todos precisam falar a mesma língua e manter o foco no consumidor, pois é ele quem suporta aumentos de produção.

BB - A China vem sendo apontada como uma das melhores opções de negócios, tanto para o leite brasileiro como para outros produtos agropecuários. O sr. também vê o mercado chinês com esse potencial de compra?

GC - Sim. É uma grande economia, com renda em expansão e mudanças de hábitos em curso. Todo o mundo está olhando para a China, seja como cliente ou como concorrente. Nos lácteos, cresce na China tanto o consumo como a produção. Em 1996, a China era o vigésimo produtor mundial de leite de vaca. Dez anos mais tarde, já ocupava a terceira posição. Ocorreram grandes investimentos no setor. Houve importação de vacas da Nova Zelândia e Austrália, principalmente; transferência de embriões e melhorias no manejo. Isso possibilitou esse desempenho, mas os chineses estão enfrentando problemas de infraestrutura, abastecimento de energia, disponibilidade de água, sem falar nas restrições

ambientais. Além disso, os custos de produção de leite subiram muito. Por enquanto, os chineses estão conseguindo bons saltos de produção, mas vejo boas oportunidades de negócios para o setor, em médio prazo, quando as restrições internas serão maiores. O Brasil pode se aproveitar bastante disso.

Está faltando água na China, os estoques de milho estão cada vez menores e, em breve, a importação do cereal deverá crescer, pois existem grandes restrições na disponibilidade de terras aráveis. Precisamos entender melhor as demandas chinesas, nos capacitar e aproveitarmos as oportunidades.

BB - E com capacidade de elevar a produção e ampliar a oferta no mercado mundial de lácteos, quais os países que teriam as mesmas chances de arranque do Brasil?

GC - Com as atuais cotações, muitos países têm condições de expandir a oferta, mesmo aqueles com custo de produção mais elevado. Mas esse cenário não é eterno, já que os preços dos lácteos são voláteis e cíclicos, ou seja, com períodos de altas e baixas. No âmbito da produção, o que vimos nos últimos seis ou dez anos foi que países com maiores custos, notadamente, os europeus, perderam participação de mercado, enquanto os asiáticos cresceram. Talvez para os próximos dez anos, a produção deva crescer não apenas em países com baixos custos, mas naqueles que, além disso, têm disponibilidade de terras e a possibilidade de incorporação de tecnologias. Nesse sentido, vejo Brasil, Índia, Paquistão, Polônia, Rússia, Estados Unidos, Ucrânia e Argentina como grandes players. Em um período mais longo, talvez alguns países africanos também participem mais desse mercado. O Brasil tem condições muito favoráveis em todos esses indicadores. Nosso custo de produção é dos mais baixos, temos a maior disponibilidade de terras aráveis do mundo, um clima favorável, uma boa oferta de insumos e uma produtividade por vaca muito aquém da média mundial. Ou seja, podemos melhorar muito e com esforços relativamente menores do que nossos concorrentes.

BB - A atual demanda por lácteos vem gerando discussões sobre a capacidade de produção dos diferentes sistemas. Hoje, já não se atribui tantos méritos aos baixos custos do sistema de pastagem, pois com as atuais cotações o que tem maior apelo é a capacidade de resposta do rebanho, fator que mais se evidencia nas explorações confinadas. Como o sr. avalia tal discussão?

GC - Vejo espaço para os dois sistemas. A escolha vai depender das condições internas de cada produtor quanto ao pacote tecnológico utilizado e à disponibilidade de terras. Vejo o sistema de leite a pasto bastante flexível e com possibilidade de aumento na suplementação e na produção quando os preços do leite melhoram. É também um sistema que sobrevive melhor aos ciclos de preços mais baixos. Mas é necessário um pouco mais de terras. O sistema intensivo tem vários méritos, a começar pela elevada produtividade da terra, capacidade de resposta do rebanho etc. Mas sente mais as oscilações nos preços dos insumos.

Como eu disse, há espaço para os dois sistemas, mas o fundamental é fazer bem feito em qualquer um deles. O produtor tem de ser um profissional do leite, e não apenas um tirador de leite. As ferramentas de monitoramento da atividade, de gestão, de controle dos coeficientes técnicos precisam ser cada vez mais utilizadas.

BB - A União Européia vem passando por importantes mudanças políticas. No ano passado, além de incorporar novos países ao blo-

O Brasil sempre foi e será o grande mercado para o nosso leite. A economia está crescendo; os programas sociais, andando

Muitos não consomem leite por desconhecerem suas propriedades nutricionais ou porque têm visão distorcida de seus benefícios

co, cortou subsídios às exportações de lácteos. Quais as conseqüências de tais medidas no mercado internacional?

GC - Primeiramente, que o corte de subsídios ajudou na melhoria dos preços. Mas também a incorporação de novos países ao bloco trouxe maior potencial de consumo do que de produção. Os novos membros não têm tanta tradição na produção de leite e essa é uma notícia boa para nós. A outra é que o corte de subsídios cria espaço para novos países aumentarem sua fatia de mercado. Nos últimos anos, essa fatia foi ocupada pela Ásia, mas as cartas estão aí. Precisamos aproveitar.

BB - O custo e a disponibilidade de terras no Brasil têm estimulado produtores de leite de outros países a se estabelecerem por aqui. O sr. acha que esta tendência deverá se ampliar?

GC - Sim. O Brasil tem excelentes condições para a produção de leite. Temos disponibilidade de terras a preços baixos em relação ao padrão internacional, disponibilidade de água, baixo custo de suplementação alimentar e boa possibilidade de incorporação de tecnologias. É um diferencial e tanto. Em outros segmentos da agropecuária, os investimentos estrangeiros já estão acontecendo há mais tempo, notadamente, em café, soja, carnes, laranja, açúcar e álcool. Agora é a vez do leite. O crescimento mundial traz consigo ampliação do consumo de leite e carnes, sobretudo, nas economias mais pobres. Podemos esperar um elevado fluxo comercial desses produtos nos próximos anos e muitos preferem produzir no Brasil para depois exportar. É o que está acontecendo no setor brasileiro de biocombustíveis. Temos as melhores condições para produção, e até mega-investidores sem tradição no agronegócio querem participar desse mercado.

BB - A qualidade do leite foi um dos temas que mais ganhou espaço em nossa mídia no final do ano passado. Em sua opinião, qual a lição que o setor deve tirar dos fatos relatados?

GC - É preciso pensar em credibilidade e reputação, o que se torna uma grande barreira contra produtos concorrentes. Estamos falando da confiança dos consumidores, brasileiros ou não. Os acontecimentos de 2007 mostraram a necessidade de amadurecimento do setor, de organização e de mobilização em prol da defesa dos seus interesses. Mas a maior lição de todas é a necessidade de pensar constantemente na questão da qualidade. Os leites não são todos iguais, os cafés não são todos iguais, as carnes não são todas iguais. É necessário trabalhar a qualidade e informar a ponta de consumo que procura nutrição, sabor, preços, além de saúde.

BB - A propósito da qualidade, quais as ações que o setor leiteiro nacional deve adotar

para que os planos de exportações não sejam atrapalhados por restrições técnicas e sanitárias que, nos últimos anos, tanto envolveram o setor de carnes?

GC - Mais e mais restrições técnicas e sanitárias deverão aparecer com a maior inserção do Brasil no comércio mundial de lácteos, não apenas no âmbito da qualidade. Foi o que ocorreu em relação à carne bovina, ou seja, enquanto o Brasil era pequeno, as restrições eram mais brandas. Ao passo que crescemos e ocupamos espaços de outros países, as cobranças aumentaram. Algumas vezes, até sem reais motivos. É a competição global. Os consumidores mundiais não estão preocupados apenas com a qualidade dos produtos. Eles

querem informações sobre como ocorreu a produção, onde, quais fatores de produção foram utilizados, sobre questões sociais, ambientais, enfim, uma série de fatores que vão ganhando fôlego no comércio mundial, enquanto as barreiras tarifárias vão diminuindo. Nos lácteos, boa parte de nossas exportações vão para mercados menos exigentes, como Venezuela, Angola, Cuba, África do Sul, entre outros. Atender às exigências ligadas a temas como rastreabilidade e sustentabilidade da produção de leite é uma questão de tempo. Precisamos nos antecipar a isso. A IN51 foi um grande passo do setor. O pagamento por qualidade também, apesar da necessidade de expansão. Agora vem a atualização do Riispoa. É necessário pensar estrategicamente e ter visão de longo prazo.

BB - O sr. tem alertado em relação aos efeitos do mercado mundial de agroenergia sobre a pecuária leiteira, principalmente, pela valorização dos grãos de uso comum, como o milho. Como os produtores devem agir para que os custos de produção não comprometam a atividade, aliás, como já se identificam sinais disso nos Estados Unidos?

GC - Os preços do milho nos Estados Unidos subiram 43% na média de 2007 em comparação com 2006. Para a soja, a alta foi de 44%, e novos incrementos tendem a ocorrer nesse ano. É a teoria da escada, sobe um e puxa o outro. Nos Estados Unidos, a produção de leite tem apresentado maior crescimento nos Estados ocidentais, com maior aumento na Califórnia, em Idaho e no Novo México, enquanto apresenta ligeiro recuo em alguns estados do Corn Belt e também das áreas de plantio de soja. Isso já é reflexo da competição por área, que também deverá se intensificar no Brasil. Vejo três questões importantes do ponto de vista do produtor: a primeira é a utilização mais otimizada das áreas. Nesse caso, falo em melhorias da produtividade de leite por hecta-

re. A segunda questão é a gestão da alimentação do rebanho, ou seja, o planejamento de compras de insumos e alternativas de suplementação. Temos de aproveitar a flexibilidade digestiva dos ruminantes e buscar a melhor relação benefício/custo na alimentação. A terceira é a internalização da produção de alimentos, quando possível. Os preços do milho deverão continuar elevados nos próximos anos, podendo ter vantagens os pecuaristas que investirem na produção desse cereal.

BB - E como última questão: o jornalista Joelmir Beting afirmou em nossa última edição que o atual projeto de produção de etanol no Brasil, quando concluído, não vai encontrar demanda nem aqui dentro nem fora do País, ou seja, vai sobrar etanol no mercado. O sr. concorda com a tese?

GC - A discussão entre a produção de energia versus alimentos vem ganhando força, sobretudo, devido à disponibilidade cada vez mais limitada de recursos naturais, como terra e água, e aos impactos de alta nos preços de alimentos, ou agro-inflação. A participação dos biocombustíveis na matriz energética mundial não chega a 1% e os investimentos nessa área estão acontecendo de forma expressiva em vários países, principalmente, nos Europeus, nos Estados Unidos e no Brasil. O problema é que atualmente o mercado mundial de biocombustíveis é potencial, e não efetivo. Existem projetos de adição de etanol na gasolina em inúmeros países, mas que ainda não saíram do papel. Nesse sentido, acho que o Beting tem razão. Por outro lado, o Brasil é o país com maior possibilidade de expansão da agroenergia, sem afetar significativamente os preços dos alimentos. Nossa competitividade em produzir etanol de cana-de-açúcar é muito superior à dos Estados Unidos com o milho ou à da Europa com beterraba ou trigo. E existem críticas crescentes sobre os biocombustíveis nesses mercados, já que as lavouras utilizadas para a sua

produção são também fontes de produção de alimentos. Além disso, essas fontes de matéria-prima têm um balanço energético muito ruim, ou seja, se gasta muita energia para a produção de etanol. Talvez a política mais coerente fosse de importação de etanol brasileiro, mas para isso é necessário mexer com toda a

política comercial e de subsídios da Europa e, principalmente, dos Estados Unidos. Se os projetos de Brasil, Estados Unidos e Europa forem postos em prática, como vem ocorrendo, poderemos realmente enfrentar problemas de excedente de produção. Mas os avanços nas políticas de uso de etanol no mundo podem trazer grandes oportunidades para o Brasil. O que falta é uma política mundial de biocombustíveis que preserve as necessidades sociais, ambientais e técnicas. Faltam definições...

Com as atuais cotações, muitos países podem expandir a oferta, mesmo aqueles com custos mais elevados. Mas este cenário não é eterno

O produtor tem de ser profissional. As ferramentas de gestão, de controle dos coeficientes técnicos precisam ser cada vez mais utilizadas

BALDE BRANCO

ENTREVISTA
"Custos devem reduzir lucro"
GLAUCO CARVALHO
pesquisador da Embrapa Gado de Leite

Recria a pasto é viável e custa menos



LONGEVIDADE

Criador paranaense ensina como ter vacas com muitas crias. É sua prioridade genética, que lhe dá hoje uma recordista com nove parições e 147 mil litros de leite produzidos

Pneumonia em bezerros: prevenir é mais eficiente

As perdas no pasto com samambaia e outras plantas tóxicas

Cana: controle biológico é eficiente e custa pouco